

A HIPÓTESE DA CORPOREIDADE EM LINGUÍSTICA COGNITIVA: O *LINK* FENOMENOLÓGICO

Paulo Jeferson Pilar Araújo¹

Diogo Pinheiro²

jefersonpilar@gmail.com

dorpinheiro@gmail.com

RESUMO: A hipótese da corporeidade (*embodiement*) apresenta-se como básica em teorias da Linguística Cognitiva como a formulação do conceito de esquemas imagético (*image schema*), metáforas conceituais, gramática cognitiva e o posicionamento de caráter filosófico no qual a Linguística cognitiva tem se colocado, conhecido como Realismo Corporificado (*embodiement realism*) ou experiencialismo. A corporeidade tem até mesmo se expandido para outras áreas das ciências cognitivas, denominadas ciências cognitivas corporificadas (*embodied cognitive sciences*). Neste artigo, fazemos uma breve apresentação da hipótese da corporeidade ao mesmo tempo em que buscamos posicioná-la em um panorama mais geral, resgatando suas origens na fenomenologia de Merleau-Ponty, também conhecida como ontologia do sensível ou ontologia da carne (*ontology of the flesh*). Os sentidos da corporeidade em Linguística cognitiva mostram a importância de se atentar para as questões de caráter filosófico presentes na formulação e desenvolvimento da hipótese da corporeidade, que serviram como precursoras de boa parte das teorias e hipóteses de trabalho nos mais diversos ramos das ciências cognitivas.

PALAVRAS-CHAVE: corporeidade; ontologia incarnada; fenomenologia; esquemas imagéticos.

INTRODUÇÃO

Este artigo exprime uma preocupação filosófica quanto ao posicionamento da Linguística Cognitiva (LC) concernente à sua relação com as ciências cognitivas, de um lado, e com a fenomenologia, de outro. Nosso foco recai sobre o conceito de corporeidade (*embodiment*)³, presente em diversos desenvolvimentos da LC e das ciências cognitivas de modo geral. Mais particularmente, temos com este trabalho dois objetivos centrais: (i) alertar

¹ Doutorando em Linguística pela Universidade de São Paulo – USP; bolsista FAPESP.

² Doutorando em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ; bolsista Capes.

³ Buscamos, sempre que possível, utilizar os termos mais técnicos na sua forma em português.

para a pouca atenção dada aos pressupostos filosóficos da corrente fenomenológica (em particular ao trabalho de Merleau-Ponty) na construção histórica do conceito de corporeidade no âmbito das ciências cognitivas modernas e (ii) apontar alguns caminhos de interseção frutífera entre o conceito de corporeidade na LC e na corrente fenomenológica francesa.

Para isso, a primeira seção busca situar a hipótese da corporeidade no paradigma da Linguística Cognitiva. Na seção seguinte, ao chamar a atenção para os “antecedentes” filosóficos do conceito, apontamos para o desafio inicial de se reconstituir a história da sua formulação. A partir daí, voltamos a atenção, na seção 3, para a fenomenologia de Merleau-Ponty, pensador bastante original por seu esforço em erigir uma teoria da corporeidade.

Cumpridas essas etapas, estará aberto o caminho para que possamos investigar a relação entre a corporeidade da fenomenologia e a dos estudos cognitivistas recentes. Para isso, observaremos especificamente um dos conceitos teóricos mais celebrados no âmbito da LC: a noção de *esquema imagético (image schema)* (cf., por exemplo, JOHNSON, 1987). Nosso objetivo é mostrar de que maneira o diálogo entre trabalhos como estes e a abordagem fenomenológica de Merleau-Ponty pode ajudar a iluminar caminhos que vêm sendo trilhados, hoje, por diversos pesquisadores alinhados à LC.

Ao fim e ao cabo, este trabalho, ao apresentar-se como um estudo em filosofia da Linguística, busca assumir uma orientação de crítica, muito mais que uma orientação prescritiva ou normativa (BORGES NETO, 2004). O papel da filosofia, afinal, é oferecer uma arena de debates na qual as premissas fundadoras de uma ou outra teoria específica possam ser problematizadas e discutidas. No nosso caso, trata-se de examinar, sob a lupa da crítica filosófica, certo direcionamento recente da pesquisa em LC, a fim de contribuir para o amadurecimento de um fazer teórico responsável (HARDER, 2007).

1. SITUANDO A CORPOREIDADE NO PARADIGMA DA LINGUÍSTICA COGNITIVA

Como pressuposto básico no cenário teórico da LC, a hipótese da corporeidade⁴ ou da mente corporificada (*embodied mind*) se mostra como seminal, sendo assunto do primeiro

⁴ Seguimos aqui a opção de Rohrer (2007) de classificar a corporeidade como hipótese, a despeito da constatação de que: “it is a very live question as to whether the embodiment hypothesis is an empirical scientific hypothesis, a general theoretical orientation, a metaphysics, or some combination of all of these.” Em outras palavras, falaremos aqui em *hipótese para a corporeidade*, a fim de evitar todas as implicações epistemológicas que teríamos em denominá-la como uma tese ou uma teoria.

capítulo sobre os conceitos básicos da LC no “*The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*” (ROHRER, 2007). Nas palavras de Evans e Green (2006, p. 45):

The idea that experience is embodied entails that we have a species-specific view of the world due to the unique nature of our physical bodies. In other words, our construal of reality is likely to be mediated in large measure by the nature of our bodies.

Ou, em termos gerais, como Rohrer (2007, p. 27) sintetiza: “the *embodiment hypothesis* is the claim that *human physical, cognitive, and social embodiment ground our conceptual and linguistic systems.*”(grifos do autor)

Para se ter uma melhor ideia da importância de tal hipótese em estudos voltados para a cognição humana, basta entendermos a que posicionamento teórico esse hipótese se coloca como contraponto. Trata-se aqui do conhecido dualismo cartesiano entre corpo e mente: a separação entre uma *res extensa* e uma *res cogitans*. Sob essa perspectiva, a natureza da mente humana é não material, e a conexão com o que é exterior ao sujeito cognoscente passaria por abstrações ou representações mentais. Uma forma de encarar o peso dessa abordagem descorporificada é a tradição filosófica ocidental baseada sobre a premissa dualista cartesiana, que comparece, por exemplo, na tradição da filosofia analítica. Em Linguística, essa perspectiva se manifesta nas teorias formais sobre a linguagem, cujo exemplo paradigmático é o gerativismo chomskiano.

Nas ciências cognitivas, observam-se duas vertentes bem marcadas: de um lado, uma primeira geração chamada de ciência cognitiva clássica, cujo forte dualismo cartesiano está bem exemplificado, por exemplo, nos trabalhos de Jerry Fodor; de outro, a geração conhecida como ciência cognitiva corporificada (*embodied cognitive science*), a ser discutida mais adiante (LAKOFF; JOHNSON, 1999).

Ao adotar decididamente a hipótese da corporeidade, que subjaz a noções tão centrais para teorias da LC como a das metáforas conceituais e esquemas imagéticos, a LC se insere no segundo campo, o das ciências cognitivas corporificadas. Lakoff e Johnson (1999), em obra já tão clássica quanto controversa, exploram as consequências filosóficas dessa opção. Ao fazê-lo, os autores apontam para uma rejeição tanto de um realismo estritamente objetivista quanto de um dualismo alinhado à filosofia de Descartes. A alternativa proposta pelos autores atende então pelo nome de Realismo Corporificado ou Realismo Encarnado (*Embodied Realism*), ou ainda Experiencialismo, arcabouço filosófico cujas linhas gerais são apresentadas abaixo.

É possível falar, talvez, em duas hipóteses básicas definidoras do Experiencialismo. A primeira, que o aproxima de uma perspectiva relativista (ainda que não de um “relativismo extremo”, como insistem LAKOFF e JOHNSON, 1999, p. 96), é a ideia de que o ser humano não tem acesso a qualquer estrutura objetiva e independente do real. A segunda, responsável pelos adjetivos *corporificado* ou *encarnado*, é a ideia de que o homem *não* é dotado de algum tipo de razão transcendental. Entende-se, assim, que as operações mentais não correspondem a mecanismos formais abstratos. Pelo contrário: elas estão fortemente alicerçadas na interação sensório-motora entre o nosso corpo e o ambiente ao redor.

Devemos acrescentar que a orientação experiencialista, bastante celebrada em uma certa vertente da Linguística Cognitiva liderada sobretudo por George Lakoff e Mark Johnson durante as décadas de 80 e 90, tem comparecido também em uma série de desdobramentos recentes da teoria, como a Gramática de Construções Corporificada (*Embodied Construction Grammar*) (BERGEN; CHANG, 2005), a Teoria Neural da Linguagem (FELDMAN, 2006) e a Ciência Cognitiva Corporificada (CHEMERO, 2009; CALVO; GOMILA, 2008).

Esse panorama pode sugerir, equivocadamente, que a hipótese da corporeidade seria uma inovação absoluta da LC na história do pensamento filosófico ocidental. Com efeito, causa estranheza o fato de que os antecedentes filosóficos dessa hipótese são citados apenas muito raramente na literatura em LC – e, quando o são, trata-se sempre de uma referência surpreendentemente sumária. Como contribuição para que se comece a enfrentar essa lacuna, passamos, na próxima seção, a tentar uma reconstituição preliminar da construção histórica do conceito de corporeidade.

2. (EM BUSCA DE) UM BREVE HISTÓRICO DA HIPÓTESE DA CORPOREIDADE

Para curiosos mais impertinentes, de boa impertinência, a origem de um conceito tão revolucionário como o da corporeidade, tanto no âmbito filosófico quanto científico, deve ser inquestionavelmente conhecida. O que, entretanto, não é a realidade, ao menos nos textos introdutórios de Linguística Cognitiva. De fato, é quase impossível encontrar estudos dedicados à história da elaboração da hipótese da corporeidade de uma forma mais profunda e consistente; no máximo, encontram-se simples referências às primeiras obras que recorreram a tal hipótese mais detidamente.

Na literatura da Linguística Cognitiva a que tivemos acesso, encontramos em duas publicações recentes duas possibilidades de “historicizar” o surgimento do uso do conceito de

corporeidade em Linguística. Tim Rohrer (2007), no já citado “*The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*”, traça a origem da hipótese da corporeidade nos termos da formulação da teoria da metáfora conceitual de Lakoff e Johnson (1980), mas faz também referência a um outro texto seu no qual a mesma origem é traçada a partir do conceito de “*frame of reference*” (2007, p. 32). Nesse segundo texto, o autor faz bastante referência aos trabalhos de William James, filósofo e psicólogo que também será figura importante em uma outra referência às origens da hipótese da corporeidade em Linguística Cognitiva, em Johnson e Rohrer (2007). Para esses dois autores, as bases filosóficas da corporeidade são traçadas até o pragmatismo americano, nas figuras de William James e John Dewey. Nesse segundo texto, os dois autores se ocupam rapidamente do que seria o antecedente da corporeidade – o princípio da continuidade (*Continuity Principle*), defendido por Dewey. Tal princípio pode ser resumido da seguinte forma (JOHNSON; ROHRER, 2007, p. 22-23):

[...] there is no breach of continuity between operation of inquiry and biological operations and physical operations. 'Continuity' [...] means that rational operations *grow out of* organic activities, without being identical with that from which they emerge" (Dewey 1938: 26).

Infelizmente a menção aos dois filósofos se faz apenas como uma preparação para uma formulação mais profunda sobre a relação de organismo-ambiente da forma como é apresentada por outros autores mais próximos da biologia e das neurociências, como Maturana e Varela.

O que surpreende é a quase total desconsideração a outras vertentes filosóficas que se ocuparam do conceito de corporeidade e, mesmo, contribuíram significativamente para a sua formulação. É o caso da fenomenologia do existencialista Maurice Merleau-Ponty. Nerlich e Clarke (2007, p. 602) em texto sobre a relação entre a Linguística Cognitiva e a história da Linguística, chamam a atenção para essa desconsideração, apesar dos vários pontos em comum entre a corporeidade do fenomenologista e a dos linguistas cognitivistas:

In spite of this obvious relationship, Merleau-Ponty is not often cited in the content of Cognitive Linguistics. He is acknowledged by Lakoff (see Borckman 2000) and Johnson (1993), but an extensive treatment in a cognitive linguistic context is to be found only in Geeraerts (1985: 354-64; 1993a).⁵

⁵ Infelizmente não tivemos acesso aos trabalhos de Geeraerts.

Ainda assim, seria possível ir um pouco mais longe na corporeidade. Gallagher e Zahavi (2008, p. 134-5) apontam que Husserl já tratava da questão do corpo em fenomenologia desde o seu *Thing and Space*, de 1907. Os dois autores ainda citam Michel Henry, que afirma ser possível encontrar como precursor da corporeidade em fenomenologia um outro francês, chamado Maine de Biran. Ainda, na tradição filosófica ocidental, é possível encontrar menções ao corpo em filósofos como Spinoza, mas um tratamento acurado e mais explícito será possível somente com as obras dos fenomenologistas franceses.

Um histórico do conceito de corporeidade seria de grande utilidade, principalmente quando sabemos das extensões de sentido do termo *corporeidade*, tanto nas ciências cognitivas quanto em outras disciplinas que fazem uso do termo. Rohrer (2007, p. 28) consegue enumerar até doze sentidos de corporeidade relacionados à cognição humana. Mas afirma (2007, p. 31) que a hipótese da corporeidade pode ser classificada em dois grandes sentidos: corporeidade como experiencialismo extenso e corporeidade como substrato corpóreo – com a ressalva de que há sentidos que poderiam se colocar em qualquer um dos pólos citados acima. Vamos encontrar também em Nuñez (1999) três distinções:

Corporeidade Trivial: cognição e mente diretamente relacionada a processos biológicos que os sustentam. Posição não radical;

Corporeidade Material: considera a interação entre processos cognitivos internos com o ambiente; e

Corporeidade Total (*full embodiment*): o corpo como envolvido em todas as formas de cognição humana, incluindo aquelas consideradas abstratas como a linguagem e matemática.

Infelizmente, um tratamento do histórico da corporeidade requereria um aprofundamento e espaço mais apropriados, o que nos força a apenas indicar nesta seção alguns possíveis caminhos.

3. CORPOREIDADE E FENOMENOLOGIA EM MERLEAU-PONTY

3.1 O LINK PERDIDO ENTRE A CORPOREIDADE EM FENOMENOLOGIA E EM LINGUÍSTICA COGNITIVA

Quando se fala em fenomenologia, é possível associar nomes como os de Edmund Husserl (iniciador da fenomenologia como disciplina), Martin Heidegger, Merleau-Ponty, Jean-Paul Sartre, Paul Ricouer e Emmanuel Levinas. Dentre esses filósofos fenomenologistas

e existencialistas, o nome de Maurice Merleau-Ponty se apresenta como o mais representativo quando se trata do tema corporeidade. Mesmo que Merleau-Ponty não tenha sido o primeiro a tratar da relação mundo-corpo, o filósofo tem recebido o título de filósofo por excelência da corporeidade. Não surpreende que em uma das suas obras mais significativas, a “Fenomenologia da percepção”, o corpo ocupe a primeira parte das discussões (Merleau-Ponty, 1999, p. 111-278).

Freeman (2004), em artigo que relaciona as metáforas conceituais de tempo apresentadas por Lakoff e Johnson (1999) e as metáforas de Merleau-Ponty sobre o tempo na obra “Fenomenologia da percepção”, chama a atenção, equivocadamente, para o fato que Lakoff e Johnson mencionariam uma única vez o filósofo, na página 565 do último capítulo do “*Philosophy in the flesh...*”. Talvez a autora não tenha atentado para os agradecimentos dos autores na mesma obra, os quais transcrevemos abaixo:

Finally, we want to honor the two greatest philosophers of the embodied mind.⁶ Any book with the words “philosophy” and “flesh” in the title must express its obvious debt to Maurice Merleau-Ponty. He used the word “flesh” for our primordial embodied experience and sought to focus the attention of philosophy on what he called “the flesh of the world”, the world as we feel it by living in it.

Lakoff e Johnson (1999, p. 97) retomam ainda a obra de Merleau-Ponty ao tratar dos precursores em filosofia do Realismo Corporificado, advogado pelos dois autores. Entretanto, os autores dedicam menos que um breve parágrafo para resumir no seguinte trecho as contribuições da fenomenologia de Merleau-Ponty para o Realismo Corporificado: “Merleau-Ponty (C2, 1962) argued that ‘subjects’ and ‘objects’ are not independent entities, but instead arise from a background, or ‘horizon’, of fluid, integrated experience on which we impose the concepts “subjective” and “objective.”

Mesmo que Freeman (2004, p. 643) tenha deixado passar despercebidas outras menções a Merleau-Ponty na obra “*Philosophy in the flesh...*”, concordamos que, de fato, pouca atenção é dada ao caráter fenomenológico da corporeidade. No mesmo capítulo em que Lakoff e Johnson (1999, p. 102) tratam dos precursores filosóficos do realismo corporificado, encontramos os “níveis de corporeidade” (*levels of embodiment*) traçados pelos dois autores: a corporeidade neural, o nível fenomenológico, e a inconsciência cognitiva (*cognitive unconscious*). Ao tratar desses três níveis da corporeidade, percebemos que o nível fenomenológico é associado a uma fenomenologia prototípica, relacionada mais à

⁶ O segundo filósofo mencionado nos agradecimentos é John Dewey.

fenomenologia de Edmund Husserl do que à “ontologia da carne” (*ontology of the flesh*) ou à mesma “carne do mundo” (*flesh of the world*) mencionada por eles nos agradecimentos a Merleau-Ponty.

Seguindo essas considerações, são pertinentes as críticas feitas por Freeman (2004) ao quase esquecimento da base fenomenológica da corporeidade na obra clássica do realismo corporificado (Lakoff; Johnson, 1999):

I find it somewhat surprising that so little attention is paid in cognitive linguistics circles to advances made in the last century in the area of phenomenology, especially as captured in Merleau-Ponty's work. Already in his *Phénoménologie de la Perception* (1964), Merleau-Ponty was proffering an alternative philosophy to the two conflicting stances of rationalism and empiricism, both of which he thought fell into the trap of objectivism. His writings immediately prior to his untimely death in 1961 and later published in translation as *The visible and the Invisible* (1968) further developed his idea of *Flesh ontology*. Both these positions – the attack on objectivism and the development of an ontology of the flesh – anticipated the later work of Lakoff and Johnson and is in many ways compatible with the theories of the West Coast Cognitive Linguistics (WCCL). One can see the relationship between Merleau-Ponty's and Lakoff and Johnson's in the way they discuss the concept of time. (Freeman, 2004, 644)

Nem mesmo outros autores clássicos da *Mente Corporificada* escaparam desse “quase esquecimento”. Sonesson (2007, p. 91) atesta a mesma desatenção aos aspectos fenomenológicos da corporeidade e do sentido na obra de Varela, Thompson e Rosch (1991): “[os autores] start out from the phenomenology of Merleau-Ponty, but, after the first few pages, it is not really clear how the issues they discuss relate to the phenomenological problem of the body, i.e. the body as it appears to consciousness.”

3.2 CORPOREIDADE EM MERLEAU-PONTY

Para entendermos melhor a relação da fenomenologia de Merleau-Ponty com alguns conceitos da Linguística Cognitiva, passamos agora para algumas das ideias básicas sobre a corporeidade na obra do referido filósofo. Para tanto, selecionamos alguns pontos principais da relação corpo-mundo abordados por Merleau-Ponty na mesma sequência em que Carman (2008, p. 78-134) os apresenta: o ponto de vista corporal (*the bodily point of view*); esquema corporal (*body schema*); intencionalidade motora (*motor intentionality*); e carne e quiasma (*flesh and chiasm*).

O ponto de vista corporal ou o entendimento intuitivo comum que temos de nós mesmos como “percebedores” corporificados (CARMAN, 2008, p. 94) constitui-se em algo

primordial no que Merleau-Ponty irá denominar de primazia da percepção. Ao colocar o corpo como eixo de toda percepção, Merleau-Ponty irá fazer algumas distinções que, seguidas intuitivamente, possibilitam ao sujeito experienciador colocar-se novamente no mundo. Com isso, o filósofo chega à necessidade de distinguir as concepções de percepção em primeira-pessoa e em terceira-pessoa. Esta entendida como a visão que as ciências de modo geral tomam a respeito da forma como experienciamos o corpo – algo observado em terceira-pessoa –, quando na verdade, a natureza última de nossa percepção é em primeira-pessoa, ou seja, o ponto de vista corporal. Nas palavras de Merleau-Ponty, citado por Carman (2008, p. 95): “A percepção não é algum objeto exótico lá fora no mundo, somos nós.”

Um bom exemplo do caráter em primeira-pessoa de nossa percepção é a experiência que denominada propriocepção. A propriocepção é a experiência sensório-motora direta de nosso próprio corpo e diferencia-se da exterocepção, a percepção das coisas externas. Essa capacidade experiencial é bastante mencionada por Merleau-Ponty para demonstrar a inconsistência do dilema da aparência subjetiva e da realidade objetiva, ou seja, a velha dicotomia objetividade versus subjetividade. Gallagher e Zahavi (2008, p. 136) também mencionam nos trabalhos fenomenológicos a diferença entre “corpo objetivo” e “corpo vivido”, em Husserl, e de “corpo objetivo” e “corpo próprio”, em Merleau-Ponty. Esses últimos conceitos estão bastante imbricados no caráter proprioceptivo e exteroceptivo da forma como o ponto de vista corporal, isto é, o ponto de vista em primeira-pessoa, é utilizado para percebermos o mundo.

Desses primeiros conceitos, Merleau-Ponty faz uma discussão hoje bastante controversa em fenomenologia, nas ciências cognitivas e nas neurociências ocupadas da questão da consciência e do corpo. Trata-se da distinção entre imagem corporal (*body image*) e esquema corporal (*body schema*). De um modo geral, Gallagher (2007, p. 273) resume os conceitos da seguinte forma:

Phenomenological reflection tells us that there is a difference between taking an *intentional attitude* towards one's own body (having a perception of, or belief about, or emotional attitude towards one's body) *and* having a *capacity to move* or to exist in the action of one's own body. The concepts of body image and body schema correspond to this phenomenological difference.

Gallagher (2005) apresenta, em “*How the body shapes the mind*”, uma análise bem minuciosa desses conceitos, além de relacioná-los com descobertas mais recentes da neurociência, como a diferença entre os atos de “pegar” (*to grasp*) e “apontar” (*to point*) alguma coisa. Para tanto, Gallagher faz a descrição de experimentos com pacientes que

sofreram lesões cerebrais, os quais, mesmo podendo fazer algumas ações rotineiras como coçar o nariz e tirar a carteira do bolso, eram incapazes de apontar alguns membros do corpo ou fazer certos movimentos sem grandes dificuldades. A explicação para essa situação, em termos fenomenológicos, é a de que, enquanto as imagens corporais dos pacientes haviam sido comprometidas com a lesão cerebral sofrida, o esquema corporal continuava intacto. Dorance Kelly (2002) apresenta uma relação entre as análises feitas por Merleau-Ponty, de um famoso caso de um paciente com a mesma lesão cerebral, conhecido como o caso Schneider, e as recentes descobertas em neurociência sobre a distinção entre os atos de “pegar” e “apontar”. Em outras palavras, a neurociência só conseguiu distinguir recentemente o que uma descrição em fenomenologia feita por Merleau-Ponty algumas décadas atrás já havia diferenciado.

Em termos fenomenológicos, Merleau-Ponty considera o conceito de esquema corporal como nossa familiaridade “pré-cognitiva” com o que nós mesmos somos e o mundo que habitamos. Nas palavras do filósofo: “[...] pois é verdade que tenho consciência do meu corpo através do mundo...” e em seguida afirma: “[...] e neste sentido tenho consciência do mundo por meio de meu corpo” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 122).

É importante lembrar que Merleau-Ponty também faz uso dos conceitos de imagem corporal e esquema corporal ao tratar de intencionalidade motora, outro conceito bastante caro à fenomenologia.

Dorance Kelly (2000, p. 167) cita Merleau-Ponty no seguinte trecho para conceituar a intencionalidade motora:

We are brought to the recognition of something between movement as a third person process and thought as a representation of movement – something which is an anticipation of, or arrival at, the objective and is ensured by the body itself as a motor power, a “motor project” (*Bewegungsentwurf*) a “motor intentionality”.

Para Dorance Kelly (2000), a intencionalidade motora estaria entre o que é mecânico e o cognitivo; portanto, pré-proposicional e pré-consciente. Nas suas palavras, “[...] perceiving and acting upon the objects in the world are more basic modes of intentionality, according to the phenomenologists, and these perceptions and actions have an intentional content that is, as Merleau-Ponty says, ‘pre-predicative’” (DORANCE KELLY, 2000, p. 161). Em outras palavras, a “intencionalidade” estaria – a despeito do que sugere o nome – abaixo do nível de consciência, da mesma forma que as ações dependentes do esquema corporal: “the intentionality of perception thus depends crucially on the normativity of the body schema” (CARMAN, 2008, p. 110).

Por fim, chegamos a um dos conceitos mais fortes de Merleau-Ponty: o de carne e quiasma (*chiasm*, em francês). Esses conceitos surgem no seu livro inacabado, “O visível e o invisível”, no qual o filósofo busca superar dicotomias como objetivo/subjetivo, mente/corpo e racional/imaginação. Em outras palavras, o filósofo busca elaborar uma ontologia da carne, ou encarnada, vale dizer, uma ontologia do sensível. Para isso, ele postula que corpo e mundo são faces da mesma moeda, de maneira que é impossível experienciar o mundo sem o corpo, da mesma forma que é impossível conceber o corpo sem o contraponto do mundo onde o corpo é contido e se contém.

4. ESQUEMAS IMAGÉTICOS: IMPLICAÇÕES FENOMENOLÓGICAS

Para ilustrar a discussão, recorremos a um constructo primordial em Linguística Cognitiva: o de esquemas imagéticos (JOHNSON, 1987; HAMPE, 2005; OAKLEY, 2007). Em sua formulação inicial, quase que concomitantemente em Johnson (1987) e Lakoff (1987), temos as primeiras definições, segundo as quais os esquemas imagéticos são estruturas abstratas que organizam os padrões recorrentes da experiência sensório-motora e emergem da estrutura corpórea do ser humano e da forma como se dá a interação do corpo com o mundo ao redor (EVANS; GREEN, 2006, p. 168). Como se vê, o conceito está necessariamente ligado à premissa da corporeidade.

Desde as primeiras formulações e os primeiros empregos do conceito (LAKOFF, 1987), tem havido uma preocupação em delimitar ou identificar quais e quantos esquemas imagéticos podem estar em operação na criação do sentido ou, de forma geral, na estrutura conceptual humana.

Para ilustrar, reproduzimos abaixo o quadro adaptado de Evans e Green (2006, 190) baseado na primeira proposta de Clausner e Croft (1999). A proposta dos autores é interessante por tentar associar cada grupo de esquemas imagéticos, na coluna à direita, à sua base experiencial, na coluna à esquerda:⁷

⁷ Decidimos manter as formas em inglês juntamente com a tradução para o português com o intuito de demonstrar ao leitor os termos convencionalizados na literatura em inglês sobre esquemas imagéticos.

SPACE (Esquemas de ESPAÇO)	UP-DOWN, FRONT-BACK, LEFT-RIGHT, NEAR-FAR, CENTER-PERIPHERY, CONTACT (EM CIMA-EM BAIXO, FRENTE-ATRÁS, ESQUERDA-DIREITA, PRÓXIMO-LONGE, CENTRO-PERIFERIA, CONTATO)
SCALE (Esquema de ESCALA)	PATH (PERCURSO)
CONTAINER (Esquema de CONTÊINER)	CONTAINMENT, IN-OUT, SURFACE, FULL-EMPTY, CONTENT (CONTENÇÃO, DENTRO-FORA, SUPERFÍCIE, CHEIO-VAZIO, CONTEÚDO)
FORCE (Esquemas de FORÇA)	BALANCE, COUNTERFORCE, COMPULSION, RESTRAINT, ENABLEMENT, BLOCKAGE, DIVERSION, ATTRACTION (EQUILÍBRIO, CONTRA FORÇA, COMPULSÃO, RESTRIÇÃO, DESBLOQUEIO, BLOQUEIO, DESVIO, ATRAÇÃO)
UNITY/MULTIPLICITY (Esquemas de UNIDADE/MULTIPLICIDADE)	MERGING, COLLECTION, SPLITTING, ITERATION, PART-WHOLE, MASS-COUNT, LINK (FUSÃO, COLEÇÃO, SEPARAÇÃO, REITERAÇÃO, PARTE-TODO, INCONTÁVEL-CONTÁVEL, LIGAÇÃO)
IDENTITY (Esquemas de IDENTIDADE)	MATCHING, SUPERIMPOSITION (COMBINAÇÃO, SOBREPOSIÇÃO)
EXISTENCE (Esquemas de EXISTÊNCIA)	REMOVAL, BOUNDED SPACE, CYCLE, OBJECT, PROCESS (REMOÇÃO, ESPAÇO DELIMITADO, CICLO, OBJETO, PROCESSO)

Quadro 1: Classificação dos Esquemas imagéticos (baseado em CLAUSNER; CROFT, 1999)

Um quadro como este poderia sugerir que a delimitação e identificação de tais esquemas seria uma tarefa fácil. No entanto, praticamente todos os autores concordam sobre as dificuldades de encontrar uma base segura para a delimitação dos esquemas imagéticos possíveis. Ainda mais quando se atenta para o fato da sua dinamicidade inerente, como bem apresentado por Dewell (2005). Peña (2008) apresenta uma boa tentativa de se criar um modelo que se considere a característica dinâmica dos esquemas imagéticos, algo que a autora chama de modelo de dependência conceptual.

Será, porém, o próprio Johnson (2005, p. 19-20) quem irá propor uma forma de identificar quais esquemas imagéticos são esses:

Consequently, one way to begin to survey the range of image schemas is via a **phenomenological description** of the most basic structural features of all human bodily experience. When I speak of a phenomenological survey of image schemas, I do not mean the use of anything like a formal Husserlian method of transcendental reduction, but rather only a reflective interrogation of recurring patterns of our embodied experience. (negrito nosso)

Antes de qualquer comentário sobre a citação acima, é interessante ver o que, uma página adiante, Johnson (p. 21) irá chamar de análise fenomenológica informal:

Through this type of **informal phenomenological analysis** of the structural dimensions of our sensory-motor experience, most of the basic image schemas will show themselves. However, we must keep in mind that phenomenological analysis alone is never enough, because **image schemas typically operate beneath the level of conscious awareness**. That is why we must go beyond phenomenology to employ standard explanatory methods of linguistics, psychology, and neuroscience that allow us to probe structures within our unconscious thought processes. (negrito nosso)

Diante dessas duas citações, cabe aqui perguntar o que Johnson entende por uma análise fenomenológica informal e o porquê de, mesmo propondo um exercício fenomenológico, ainda que informal, ele rejeitar os pressupostos da fenomenologia na sua base filosófica. Nesse ponto, é possível perceber que, nos momentos em que Johnson e Lakoff mencionam o termo fenomenologia e sua relação com a Linguística Cognitiva, ele parece estar sempre ligado às questões “clássicas” dos estudos fenomenológicos, notadamente aqueles relacionados à consciência. É o que se vê nesta última citação.

Concordamos com Johnson que um exercício fenomenológico nos moldes de Husserl requereria sujeitos treinados nos métodos propostos pelo criador da fenomenologia. Entretanto, pelo que foi apresentado na seção anterior, entendemos que o caráter fenomenológico de qualquer experiência pode ir além da simples questão da consciência. Muitos dos conceitos da fenomenologia Merleau-Pontyana vão além das questões básicas em fenomenologia, nos moldes de Husserl.⁸ Gallagher e Zahavi (2008, p. 145) já chamavam a atenção para tal fato: “Much of the action is controlled by body-schematic processes below the threshold of consciousness.”

É justamente na tentativa de ultrapassar algumas dicotomias nos estudos fenomenológicos que Merleau-Ponty busca completar o seu mestre, desde o ensaio intitulado “O filósofo e sua sombra” até sua obra inacabada “O visível e o invisível”. Ao se ocupar de uma fenomenologia da percepção, Merleau-Ponty se lança numa empreitada que o leva

⁸ Conferir a seção anterior.

inexoravelmente para a factividade (“*facticity*”) do “estar-no-mundo” heideggeriano, e, portanto, para a natureza de nossa percepção.

O que é possível perceber é que não deixa de haver uma certa desatenção ao que a fenomenologia realmente pode oferecer para a Linguística Cognitiva. Posição com que Freeman (2004) também concorda ao demonstrar que a análise das metáforas de tempo feitas por Merleau-Ponty, décadas antes do “*Metaphors we live by*” (LAKOFF; JOHNSON, 1980), enriquecem a análise das metáforas conceituais sobre o tempo em Linguística Cognitiva.

Neste ponto, ainda no mesmo artigo sobre a significância filosófica dos esquemas imagéticos, Johnson (2005, p. 28) atenta para algumas dificuldades de se procurar ir além do que a percepção consciente dos padrões sensório-motores pode oferecer para a caracterização dos esquemas imagéticos, se os entendemos como a solução para o problema de como o sentido emerge de nossa condição de seres corporificados:

Conscious life is very much an affair of felt qualities of situations. The human experience of meaning concerns *both* structure *and* quality. However, beyond phenomenological description, there appear to be no philosophical or scientific ways to talk adequately about the fundamental role of quality in *what* is meaningful and *how* things are meaningful. We can name the qualities, but we cannot even describe them adequately. When we describe the image-schematic structure alone, we never capture fully the qualities that are the flesh and blood of our experience. (Johnson, 2005, p. 28)

O que essa citação parece demonstrar é que, ao mesmo tempo em que o autor se contenta com uma “análise fenomenológica informal” para a caracterização desses esquemas imagéticos, tão importantes para o entendimento da emergência do significado, ele mesmo se depara com um problema: o mundo percebido é muito mais do que consciência e padrões; é preciso considerar as qualidades fenomenológicas. Johnson chega mesmo a duvidar da possibilidade de um método que dê conta desse aspecto (JOHNSON, 2005, p. 29):

I cannot imagine a method of linguistic or conceptual analysis that could ever adequately capture such qualitative aspects of meaning. I do not envision a different way of speaking about image schemas that would someday successfully incorporate qualities of experience. And yet, if image schemas are a principal key to the way all meaning grows from bodily experience, then the qualitative dimension is surely a crucial part of the process. The least we can do is to keep in mind that image schemas are not abstract imagistic skeletons. Rather, they are patterned, embodied interactions that are at once structural, qualitative, and dynamic.

Essa dúvida demonstra novamente que um link fenomenológico poderia não necessariamente resolver o problema; ainda assim, contribuiria de forma a enriquecer e refinar

o olhar do linguista cognitivista para dados da experiência que um simples exercício informal não satisfaria em uma análise mais profunda de alguns aspectos da realidade.

Gallagher e Sonesson (2007, p. 120) mostram que, além da preocupação com o que Johnson chama de carne e sangue do esqueleto dos esquemas imagéticos, a fenomenologia também se ocupa do que é estrutural na experiência do mundo:

More specifically, the concern of phenomenology is not with how a subject reacts to a stimulus, or with what a subject might be experiencing in a particular experimental setting, but with the invariant self-organizing structure of the experience.

Uma atitude mais reflexiva da relação entre a linguística, a filosofia e outras ciências cognitivas, contribuiria para superar obstáculos a princípio intransponíveis – como aquele apresentado por Johnson (2005), segundo o qual, em última instância, o que conseguimos captar com os esquemas imagéticos, na forma como os identificamos a partir de nossas experiências corporais, exclui as qualidades que uma mera análise fenomenológica informal tornaria insuficiente, para não dizer desnecessária. Uma análise fenomenológica mais responsável – ou seja, mais preocupada com a percepção – com certeza possibilitaria ao linguista cognitivista uma descrição mais minuciosa dos fenômenos de realidade, podendo, inclusive, refinar análises conceituais já bastante conhecidas em Linguística Cognitiva, como uma melhor descrição de metáforas conceituais (FREEMAN, 2004) e mesmo uma provável hierarquização de esquemas imagéticos (PEÑA, 2008).

Vale enfatizar aqui que o link fenomenológico pode ser bem maior entre a LC e a fenomenologia. Sonesson (2007, p. 120) afirma:

Moreover, I have argued that what is called "image schemas" by cognitive linguists is basically a kind of bodily meaning, resulting from the position of the human body at the centre of the common sense world, known in phenomenology as the Lifeworld."

Trata-se de uma afirmação que não nos foi possível verificar a fundo, pois foi necessário deixar de fora muitos outros conceitos da fenomenologia, buscando, no entanto, dar uma panorâmica das principais ideias do papel da corporeidade na fenomenologia de Merleau-Ponty.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos, no início deste trabalho, que a preocupação com as implicações epistemológicas de uma dada teoria traduz-se em um fazer teórico mais responsável (Harder, 2007). Da mesma forma, a LC não poderia se eximir da consideração de seus antecedentes filosóficos, como é o caso da hipótese da corporeidade, elaborada, discutida e defendida tão veementemente por Merleau-Ponty, décadas antes da constituição do que hoje é considerado o paradigma cognitivista em linguística. Apesar da grande proximidade na forma de encarar o corpo e sua relação com o mundo e o modo como essa relação corpo-mundo produz significado, sustentamos que a fenomenologia e a LC ainda carecem de maior aproximação. Ao explorar, neste artigo, o conceito cognitivista/experencialista de esquemas imagéticos sob o prisma da fenomenologia, esperamos ter dado um primeiro passo na direção dessa convergência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BERGEN, B.; CHANG, N. Embodied construction grammar in simulation-based language understanding. In: ÖSTMAN, J. O.; FRIED, M. (Org.). *Construction grammars: cognitive grounding and theoretical extensions*. Amsterdam: John Benjamins, 2005.
2. BORGES NETO, José. *Ensaio de filosofia da Linguística*. São Paulo: Parábola, 2004.
3. CALVO, Paco; GOMILA, Antoni. *Handbook of Cognitive Science: an embodied approach*. Amsterdam, The Netherlands: Elsevier, 2008.
4. CARMAN, Taylor. *Merleau-Ponty*. London/New York: Routledge, 2008.
5. CHERMERO, Anthony. *Radical Embodied Cognitive Science*. Cambridge/Massachusetts: Massachusetts Institute of Technology, 2009.
6. CLAUSNER, Timothy C.; CROFT, William. Domains and image schemas. *Cognitive Linguistics*, 10 (1), 1–31, 1999.
7. DEWELL, Robert B. Dynamic patterns of CONTEINMENT. In: HAMPE, Beate. *From perception to meaning*. Image schema in Cognitive Linguistics. Mouton de Gruyter, Berlin/Nova York, 2005.
8. DORRANCE KELLY, Sean. Merleau-Ponty on the body. *Ratio (new series)* XV, 4, Dezembro, 2002.

9. _____. Grasping at Straws: Motor Intentionality and the Cognitive Science of Skillful Action In: WRATHALL, Mark; MALPAS, Jeff (Eds.). *Heidegger, Coping, and Cognitive Science: Essays in Honor of Hubert L. Dreyfus - Vol. II*, Cambridge, MA: MIT Press, 2000, 161-177.
10. EVANS, Vyvians; GREEN, Melanie. *Cognitive Linguistics, an Introduction*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.
11. FELDMAN, J. *From molecule to metaphor: a neural theory of language*. Cambridge, Mass: MIT Press, 2006.
12. FREEMAN, Margaret H. Crossing the boundaries of time: Merleau-Ponty's phenomenology and cognitive linguistics theories. In: SILVA, Augusto Soares da; TORRES, Amadeu, GONÇALVES, Miguel, (Eds.) *Linguagem, Cultura e Cognição: Estudos de Linguística Cognitiva*, Vol. 2, pp. 643-655, Coimbra: Almedina, 2004.
13. GALLAGHER, Shaun. *How the Body Shapes the Mind*. Oxford: Oxford University Press, 2005.
14. _____. Phenomenological and experimental research on embodied experience. In: ZIEMKE, Tom; ZLATEV, Jordan; FRANK, Roslyn; DIRVEN, Rene (eds). *Body, Language and Mind: Embodiment*. Vol 1 (241- 263). Berlin: Mouton de Gruyter, 2007.
15. GALLAGHER, Shaun; ZAHAVI, Dan. *The Phenomenological Mind: an introduction to philosophy of mind and cognitive science*. London/New York: Routledge, 2008.
16. GEERAERTS, Dirk; CUYCKENS, Hubert (ed.). *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. New York: Oxford University Press, 2007.
17. HAMPE, Beate. *From perception to meaning*. Image schemas in Cognitive Linguistics. Berlin/Nova York: Mouton de Gruyter, 2005.
18. HARDER, Peter. Cognitive Linguistics and Philosophy. In: GEERAERTS, Dirk; CUYCKENS, Hubert. *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. New York: Oxford University Press, 2007.
19. JOHNSON, M. *The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination and reason*, University of Chicago Press, Chicago, 1987.
20. _____. The philosophical significance of image schemas. In: HAMPE, Beate. *From perception to meaning*. Image schemas in Cognitive Linguistics. Berlin/Nova York: Mouton de Gruyter, 2005.
21. LANGACKER, Ronald W . *Cognitive grammar*. A basic introduction. Oxford University Press, 2008.

22. LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to Western Thought*. New York: Basic Books, 1999.
23. LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. The University of Chicago Press, Chicago, 1980.
24. LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
25. MARTINS, Helena. Sobre linguagem e pensamento no paradigma experiencialista. *VEREDAS – Ver. Est. Ling. Juiz de Fora*, v. 6, n. 2, p. 85-100, jul./dez. 2002.
26. MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
27. NERLICK, Brigitte; CLARKE, David. Cognitive Linguistics and the History of Linguistics. In: GEERAERTS, Dirk; CUYCKENS, Hubert. *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. New York: Oxford University Press, 2007.
28. NUÑES, Rafael. Could the Future Taste Purple? Reclaiming Mind, Body and Cognition. *Journal of Consciousness Studies*, 6 (11-12): 41-60, 1999.
29. PEÑA, Maria Sandra. Dependency systems for image-schematic patterns in a usage-based approach to language. *Journal of Pragmatics*. 40 (2008).
30. SCORSOLINI, Fabio; AMORIM, Karia de Souza. Corporeidade: uma revisão crítica da literatura científica. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 14, n. 1, p. 189-214, jun. 2008
31. SONESSON, Göran. From the meaning of embodiment to the embodiment of meaning: a study in phenomenological semiotics. In: ZIEMKE, Tom; ZLATEV, Jordan; FRANK, Roslyn; DIRVEN, Rene (eds). *Body, Language and Mind*. Vol 1 (241- 263). Berlin: Mouton de Gruyter, 2007.

RESUMO: A hipótese da corporeidade (*embodiement*) apresenta-se como básica em teorias da Linguística Cognitiva como a formulação do conceito de esquemas imagético (*image schema*), metáforas conceituais, gramática cognitiva e o posicionamento de caráter filosófico no qual a Linguística cognitiva tem se colocado, conhecido como Realismo Corporificado (*embodiement realism*) ou experiencialismo. A corporeidade tem até mesmo se expandido para outras áreas das ciências cognitivas, denominadas ciências cognitivas corporificadas (*embodied cognitive sciences*). Neste artigo, fazemos uma breve apresentação da hipótese da corporeidade ao mesmo tempo em que buscamos posicioná-la em um panorama mais geral, resgatando suas origens na fenomenologia de Merleau-Ponty, também conhecida como ontologia do sensível ou ontologia da carne (*ontology of the flesh*). Os sentidos da corporeidade em Linguística cognitiva mostram a importância de se atentar para as questões de caráter filosófico presentes na formulação e desenvolvimento da hipótese da corporeidade, que serviram como precursoras de boa parte das teorias e hipóteses de trabalho nos mais diversos ramos das ciências cognitivas.

PALAVRAS-CHAVE: corporeidade; ontologia incarnada; fenomenologia; esquemas imagéticos.

ABSTRACT: The embodiment hypothesis is seen as basic for many theories in cognitive linguistics such as the formulation of the concept of image schemas, conceptual metaphors, cognitive grammar and the philosophical position taken for cognitive linguistics known as Embodied Realism or experientialism. The embodiment hypothesis has been even expanded to other areas of cognitive science, such as the so called embodied cognitive sciences. In this paper, we make a brief presentation of the embodiment at the same time we seek to posit it in a broader picture, placing its origins in Merleau-Ponty's work in phenomenology, also known as the ontology of the flesh. The senses of embodiment in cognitive linguistics show the importance of addressing the philosophical issues in the formulation and development of the embodiment hypothesis, which has served as an initial point for many theories and working hypotheses in different areas of cognitive science.

KEYWORDS: Embodiment; ontology of the flesh; phenomenology; image schemas.

RESUMEN: La hipótesis de la corporeidad (*embodiment*) se presenta como básica en teorías de Lingüística cognitiva, tales como la formulación del concepto de esquema de imágenes (*image schema*), metáforas conceptuales, gramática cognitiva y el posicionamiento del carácter filosófico en el cual la lingüística cognitiva se ha colocado –conocido como Realismo experiencial, incorporado, corporizado (*embodied realism*) o experiencialismo. La corporeidad incluso se ha expandido a otras áreas de las ciencias cognitivas, denominadas ciencias cognitivas corporizadas (*embodied cognitive sciences*). En este artículo, hacemos una breve presentación de la hipótesis de la corporeidad, al mismo tiempo en que buscamos posicionarla en un panorama más general -y prácticamente olvidado en relación a su formulación y significancia filosófica- al retomar la fenomenología de Merleau-Ponty, también conocida como ontología de lo sensible u ontología de la carne (ontology of the flesh). Los sentidos de la corporeidad en lingüística cognitiva muestran la importancia de observar las cuestiones de carácter filosófico presentes en la formulación y desarrollo de la hipótesis de la corporeidad, las cuales sirvieron como precursoras de buena parte de las teorías e hipótesis de trabajo en los más diversos ramos de las ciencias cognitivas.

PALABRAS-CLAVE: corporeidad; ontología de la carne; fenomenología; esquema de imágenes.

Recebido no dia 05 de dezembro de 2009.

Artigo aceito para publicação no dia 02 de março de 2010.